



O que estamos a celebrar no centenário da Faculdade Técnica?

Susana Medina*

No âmbito da comemoração do centenário da Faculdade Técnica, foi apresentada na Biblioteca da FEUP a exposição “Centenário da Técnica: Documentos com História”, na qual se procurou materializar a história e a memória de um dos períodos significativos da história do ensino e da aprendizagem da Engenharia no Porto: o momento compreendido entre a criação da Faculdade Técnica em 1915 e a sua transformação em Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto em 1926. Essas materialidades assumem a forma de documentos e artefactos até então guardados em arquivos, museus, bibliotecas e depósitos da Universidade do Porto. O estudo efetuado a partir destas evidências de vida e de produção intelectual da comunidade “Faculdade Técnica” permitiu identificar sinais das dinâmicas de transformação próprias da conjuntura da época e dos seus reflexos no desenvolvimento da recém-criada escola. Por sua vez, a interpretação desses sinais suscitou a formulação de novas questões sobre o processo histórico institucional, o que pode reforçar a ideia do período da Faculdade Técnica como relevante momento de transição no *continuum* da História do ensino da Engenharia na cidade do Porto e no País.

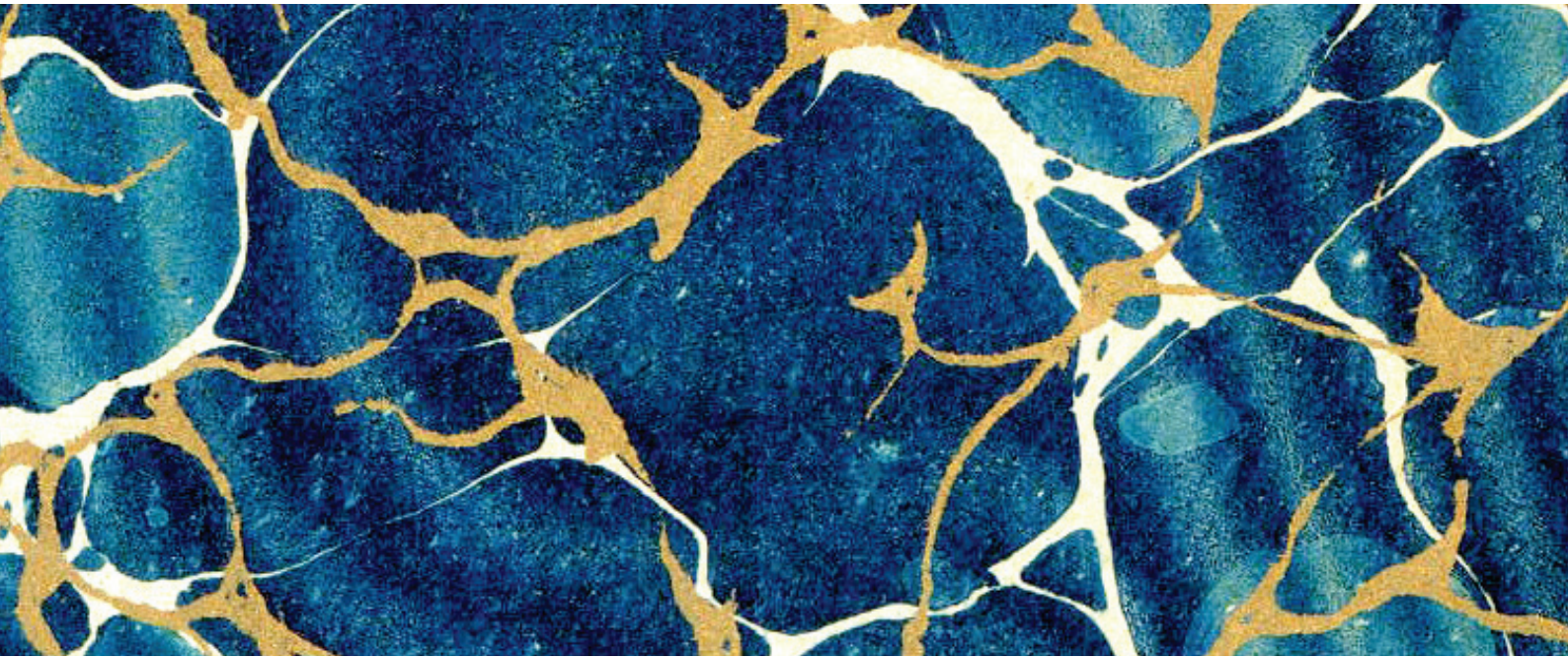
De facto, embora a Academia Politécnica do Porto (1837-1911) tenha constituído o marco decisivo na formalização do ensino técnico de aplicação civil no Porto, a afirmação da formação técnica superior e a autonomia que permitiu a condução de um programa científico-pedagógico especializado só foram alcançadas de facto com a criação da Faculdade Técnica.

Tal como foi analisado pela socióloga Maria de Lurdes Rodrigues (2002), foi a partir de 1911 que a Engenharia portuguesa se institucionalizou como domínio de conhecimento transmitido e produzido nos estabelecimentos de ensino superior. Foi esse o ano de criação do Instituto Superior Técnico e também da Escola de Engenharia anexa à Faculdade de Ciências na recém-criada Universi-

dade do Porto. De 1911 a 1915, viveu-se um momento de transição durante o qual o ensino da Engenharia no Porto se manteve ainda dependente, em termos orgânicos, pedagógicos e financeiros, da Faculdade de Ciências. A Escola de Engenharia iniciou as suas atividades com o mesmo programa de formação para os cursos de engenharia civil da anterior Academia Politécnica, debatendo-se com a falta de espaço próprio e com o escasso número de docentes especializados. Poucas foram, portanto, as mudanças a assinalar em termos de organização do ensino neste período.

Decorreram cerca de quatro anos desde a criação da escola anexa até que as transformações de maior envergadura ocorressem no ensino técnico superior no Porto. Em agosto de 1915, foi aprovada a lei orçamental que permitiu à Universidade do Porto constituir uma nova Faculdade destinada ao ensino de ciências aplicadas. Podemos afirmar que o referendo desta lei se deveu em grande parte à ação reiterada e persistente do Reitor Francisco Gomes Teixeira e de um grupo de docentes da Faculdade de Ciências - dos quais se destacaram Augusto Nobre e Luís Woodhouse, aos quais se juntaram representantes da sociedade civil portuense, junto de um grupo de deputados do parlamento republicano e do então Ministro da Instrução Pública, João Martins Júnior. Foi, então, considerada estrategicamente indispensável a viabilização política e orçamental da Faculdade Técnica, na perspetiva de um papel ativo das várias especialidades da Engenharia na prossecução do ideal republicano de modernização tecnológica e social do País.

Neste sentido, foi aumentada a oferta de cursos de Engenharia com novos ramos específicos de formação: às engenharias civil e de minas, juntava-se agora a engenharia mecânica, eletrotécnica e químico-industrial. De destacar as alterações ao modo de ensinar, acrescentando uma componente prática ao ensino teórico das ciências



fundamentais e aplicadas sob a forma de trabalhos em laboratórios e oficinas, tirocínios e visitas de estudo, assim como de trabalhos de projeto a defender em final de curso pelo candidato ao diploma de engenheiro. A evolução do ensino, em comparação com a Academia Politécnica, fez-se também sentir de forma considerável no número e na especialização de cadeiras ministradas, passando de 8 para 29 em 1915 e para 32 na reformulação de 1918.

No entanto, se este contexto transformador aproximou o ensino da Engenharia no Porto dos ideais progressistas do País, o mesmo provocou igualmente constrangimentos ao desenvolvimento da recém-criada Faculdade. Apesar do voluntarismo e esforço dos seus criadores, o clima de instabilidade política e financeira vivido no período republicano inibiu as condições necessárias à concretização da nova escola. Por outro lado, a entrada de Portugal na I Guerra Mundial em 1916 veio igualmente perturbar o seu crescimento, o que se traduziu em número decrescente de estudantes e docentes em virtude da incorporação de milicianos no contingente nacional, na impossibilidade de suprir as lacunas de professores através de novas contratações, no número de conclusões de curso por ano e nas sucessivas dotações orçamentais anuais de baixo valor.

A atividade dos anos que se seguiram ao final da Grande Guerra marcou o início de um novo ciclo da Faculdade Técnica. Entre várias manifestações, é de realçar a intensidade com que esta aparece em termos públicos, seja através da organização de cerimónias comemorativas e da participação em atos de natureza científica, ou da realização de mostras anuais dos resultados do trabalho académico aos habitantes da cidade do Porto. Note-se que é igualmente nesta época que, por determinação legal, os laboratórios da Faculdade começaram a poder prestar serviços ao exterior, aproximando o ensino técnico superior do tecido industrial e produtivo da região.

Torna-se particularmente evidente neste período a figura de Luís Couto dos Santos (1872-1938), Engenheiro Civil e de Obras Públicas pela Academia Politécnica do Porto, nomeado Diretor da Faculdade Técnica em 1919. Com o dinamismo que imprimiu ao seu mandato, colocando o espírito empreendedor que o caracterizava ao serviço do desenvolvimento da escola, Luís Couto dos Santos liderou processos decisivos para a melhoria considerável da qualidade do ensino e da investigação, para a construção da identidade da Faculdade Técnica com reflexos, anos mais tarde, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, bem como para a afirmação da função social do engenheiro.

Como foi anteriormente referido, a outra data extrema que escolhemos para enquadrar o nosso trabalho de pesquisa foi a do ano de 1926, não só o ano da transformação da Faculdade Técnica em Faculdade de Engenharia, mas também o ano marcado pela definição legal do título de engenheiro através do decreto nº 11988 de 26 de julho do mesmo ano.

Concluimos o exposto com a convicção que há ainda muitas outras perspetivas a explorar a partir do acervo documental e museológico sobre a Faculdade Técnica reunido pelos Serviços de Documentação e Informação da FEUP até ao presente. Para já, consideramos cumprida a primeira etapa do nosso trabalho: a que nos fez despertar para o período da Faculdade Técnica, nos deu a oportunidade de reviver de forma partilhada este importante acontecimento e de conhecer melhor e organizar os elementos identitários que projetaram as ideias e formas deste coletivo FEUP através dos tempos. Confirmamos, portanto, realizações passadas; vamos prosseguir o trabalho inspirados por essas possibilidades de futuro. ●

fe.up.pt/centenariodatecnica

* Museóloga. Serviço de Documentação e Informação FEUP, Museu.